

AS JUVENTUDES COMO SUJEITOS DA DEMOCRACIA BRASILEIRA: PERSPECTIVAS CRÍTICO-ESPERANÇOSAS

Alexsandro do Nascimento Santos
Euzébio Jorge Silveira de Sousa

A 19ª Edição da Revista Juventude.br é publicada no período de maior instabilidade política desde a redemocratização do país, o que torna urgente o debate sobre o lugar, a representatividade, a agência e a participação política das juventudes no arranjo democrático brasileiro presente e nas disputas em torno da (re)pactuação da agenda de cidadania e de democracia para os próximos anos.

A crise econômica, que gerou em 2021 mais de 14 milhões de desempregados, inflação de 10,74% e 116 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, tem contribuído para o aprofundamento da instabilidade política e para propagar alternativas autoritárias e que aprofundam a exclusão social. A citada crise começa a gerar efeitos sobre o mercado de trabalho ainda em 2015, mas ganha maior profundidade a partir da Pandemia de COVID19. A má gestão da pandemia por parte do Governo Bolsonaro se expressa em múltiplas dimensões, atribuindo ao Brasil o título de país com pior gestão da pandemia no mundo, o que gerou mais de 616 mil mortes.

Enquanto distintos países do mundo, inclusive na América Latina, durante a pandemia ampliaram o aparato de proteção social, garantia dos empregos e manutenção da renda, o governo brasileiro, guiado por medidas negacionistas disseminou notícias falsas, produziu e distribuiu medicamentos ineficazes, aprovou reformas que flexibilizam as relações de trabalho e acabou com políticas públicas imprescindíveis à superação da crise (como o Bolsa-família).

A rota de gestão pública e de trato institucional da crise sanitária, econômica e social revelou-se descompromissada com a vida, manejando os recursos disponíveis na estrutura do Estado na contramão das necessidades básicas de sobrevivência da população e impondo aos mais vulneráveis sistemas de morte e vulnerabilidade.

Os elementos deletérios da conjuntura pandêmica se associaram a uma dinâmica anterior de recessão democrática (ver, por exemplo: FREEDOM, 2018; LEVITSKY E ZIBLAT, 2018; RUNCIMAN, 2018) de dimensões globais, e que vinha sendo identificada e analisada como um momento agudo de desilusão com a democracia liberal em seu formato hegemônico no Ocidente.

Nesse cenário, as juventudes são profundamente afetadas tanto no que diz respeito às condições materiais da chamada moratória psicossocial que sustenta o pacto intergeracional (KRAUSKOPF, 2004) quanto naquilo que diz respeito às expectativas e apostas que os jovens são convidados a fazer em relação ao presente e no futuro da democracia brasileira.

A defesa da democracia e a crença de que ela era uma condição fundamental para a produção de uma sociedade mais justa, mais inclusiva e mais desenvolvida manteve-se uma pauta estruturante para as organizações e movimentos de juventude no Brasil desde, pelo menos, a segunda metade do século XX. Em torno desse núcleo, importantes iniciativas foram produzidas para ampliar, aprofundar e consolidar o reconhecimento de cada jovem como sujeito de direitos da cidadania e das juventudes como sujeitos coletivos do arranjo democrático brasileiro.

Todavia, o Golpe Parlamentar de 2016 explicitou os limites dessa construção, evidenciando o início de um ciclo político de retrocessos institucionais e civilizatórios. Com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, a partir de 2018, houve um aprofundamento bastante denso dessa dinâmica de ruptura com a democracia, manifesta na defesa explícita de projetos autoritários alinhados a ultradireita no Brasil, na naturalização de discursos de ódio contra segmentos em condição de vulnerabilidade, no precário quadro econômico e na inércia do Estado frente à ampliação das desigualdades.

Tudo isso parece conformar um cenário distópico, avesso ao engajamento político e à ação criativa das juventudes brasileiras – o que poderia significar uma retração do ativismo e da vontade de democracia

O Dossiê que apresentamos nesta 19ª Edição da Revista Juventude.br intitulado “Juventudes, Participação Política e Democracia no Brasil”, pretende iluminar o avesso dessa narrativa. A aposta é na análise e sistematização de movimentos crítico-esperançosos em torno da participação política das juventudes como sujeitos da democracia brasileira.

O dossiê é composto por oito artigos organizados pelo Professor Humberto Dantas, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e pelo Centro de Estudos e Memória da Juventude (CEMJ). Os artigos buscaram articular atuação da Juventude em processos democráticos e em instâncias da democracia representativa e participativa.

O Artigo “Apego a valores democráticos - qual a distância entre os jovens que procuram ações de educação política e aqueles que são encontrados por algo desse tipo?” de Humberto Dantas e Tiago Valêncio de Melo pesquisou a visão política de jovens adolescentes de 15 a 18 anos que participaram dos cursos de iniciação política da Fundação Konrad Adenauer na Grande São Paulo. Os autores concluem que o curso obteve êxito em ampliar o interesse pela participação política dos jovens. O artigo “O papel da(o) mesária(o) na democracia brasileira e a participação da(o) jovem nas eleições”, de Luna Chino e Mariucha de Souza analisou os dados de participação de jovens como mesários nas eleições municipais de 2020, tendo identificado que mais de 510 mil mesários possuíam entre 18 e 29 anos. As autoras identificam que, apesar de a participação voluntária não ser expressiva, a atuação dos jovens é imprescindível ao processo eleitoral.

AS JUVENTUDES COMO SUJEITOS DA DEMOCRACIA
BRASILEIRA: PERSPECTIVAS CRÍTICO-ESPERANÇOSAS



O artigo “O convite dos jovens a um território polifônico”, de Débora Pontalti e Lia Salomão analisou a atuação de jovens em movimentos socioambientais, por meio do Programa Carta da Terra em Ação. O texto revela as dimensões plurais do engajamento das juventudes no cruzamento da agenda social com a agenda ambiental no Brasil.

Jennifer Azambuja de Moraes, Felipe Silva Milanezi e Caroline Oliveira Neves de Lima no artigo “Participação política da juventude do Sul do Brasil: um perfil do jovem participativo”, identificam, no engajamento e participação política dos jovens jovens que frequentam o ensino médio, indícios de uma inclinação político-ideológica em torno de agendas progressistas, mais comuns no campo da centro-esquerda.

Daniel Moraes Pinheiro e Gisela Rabelo Farias, no artigo “Incentivos e barreiras ao ingresso do jovem na política: uma discussão teórica”, buscaram identificar características e elementos que contribuem para o início da atuação política de jovens, apontando categorias como: “confiança, partidos, educação política, sociedade civil, ator político, espaços institucionais e mídia”. Já o artigo “Desafios e possibilidades para a formação política de juventudes partidárias” de Priscila Schmitz buscou responder o que é formação política partidária e como esta formação ocorre entre a juventude. A autora identificou que as estratégias de formação política dos partidos não possui a juventude como foco.

No Artigo “Renovação política? A presença da juventude nas eleições proporcionais entre 2010 e 2020”, de Bruno Dias P. de Andrade e Joyce Luz, utiliza dados do TSE para relacionar financiamento das candidaturas de jovens e sucesso eleitoral, a partir de recortes etários, de sexo e de orientação ideológica.

Isabela Almeida, Maria Barretos, Marjorie Lynn e Gabriel Madeira, buscam analisar como alunas e alunos interagem com políticas públicas, particularmente políticas públicas de educação a partir da experiência do programa de auditorias cívicas desenvolvido em escolas públicas do Estado de Goiás.

De maneira geral, em todos os esforços investigativos sistematizados no Dossiê, o que se enxerga é a combinação de uma denúncia dos limites críticos da experiência incompleta da democracia brasileira com o anúncio da persistência e da vontade democrática das juventudes. Algo que poderíamos nomear de uma perspectiva Crítico-Esperançosa para a nossa democracia, retomando o conceito cunhado pelo educador Paulo Freire.

Somos convidados a cantar, uma vez mais, com Tiago de Melo:

Faz escuro, mas eu canto!
Porque a manhã vai chegar.
Vem ver de perto, companheiro, vai ser lindo,
A cor do mundo mudar.
Vale a pena não dormir, para esperar
Porque a manhã vai chegar.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. (2018). How democracies die. New York: Broadway Books
- RUNCIMAN, David. Como a democracia chega ao fim. São Paulo: Todavia, 2018.
- FREEDOM in the world 2018: democracy in crisis. Freedom House, Washington, 2018. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/freedom-world-2018>. Acesso em: 10 maio 2019.
- KRAUSKOPF, Dina. Compresión de la juventud. El caso del concepto de moratória psicossocial. JOVENes. Revista de Estudios sobre la Juventud. Mexico, 2004, ano 8, n. 21, p. 26-39.